

## AVENTURA NO SAPAL

O estuário do Tejo é o maior da Europa Ocidental: com uma área de cerca de 320 Km<sup>2</sup>. Perfaz uma extensão de cerca de 80 km desde o seu limite a montante, perto de Muge (de um modo simplificado pode considerar-se que é o ponto em que já não se faz sentir a influência da maré) até, a jusante, ao limite da pluma salobra que se desenha nas águas da zona costeira adjacente, isto é aproximadamente até à barra (secção entre a Torre de São Julião e o Bugio). Abrangendo uma extensa superfície constituída por águas estuarinas, zonas de lamãs e sapais, mouchões, salinas, pastagens e terrenos agrícolas (Costa, 1999).

Os sapais definem-se por possuírem solos provenientes de sedimentos aluviais e estuarinos transportados pelas marés, que são colonizados por plantas vasculares, herbáceas ou arbustivas (vegetação halófila) e são regularmente inundados pelas águas de marés, de salinidade variável.

Vários trabalhos referem a importância dos sapais na remediação natural do sistema estuarino, através da acumulação e retenção de nutrientes e metais pesados, contribuindo neste caso para diminuir a eutrofização do sistema estuarino e para a minimização dos efeitos tóxicos dos metais.

Os sapais constituem ainda reservatórios genéticos importantes, para além de serem habitat natural de várias espécies, nomeadamente de peixes e aves migradoras. A biodiversidade é um factor importante e a contribuição das funções ecológicas dos sapais para a riqueza específica nas regiões costeiras tem sido bem demonstrada.

Até meados do séc. XX as áreas de sapal eram frequentemente drenadas, para obtenção de terrenos agrícolas e para instalar cidades e zonas industriais, sem preocupações de maior sobre a sua importância ecológica. Só a partir da década de 70 a sociedade começa a reconhecer o valor destes ecossistemas e a legislar no sentido da sua protecção.

Considerados entre os ecossistemas mais valiosos da biosfera e protegidos por vários acordos internacionais de conservação e por directivas comunitárias, cada vez é mais reconhecida a sua importância ecológica e social, bem exemplificada com a recente inclusão dos sapais no programa da directiva quadro da água (WFD, 2000/60/EC).

O programa Ciência Viva no Verão e o Centro de Oceanografia propõem uma visita ao sapal de Corroios, durante a qual se pretende sensibilizar o público para a enorme riqueza faunística e florística deste habitat, realçando a importância ecológica dos organismos que nele vivem e as suas adaptações a este ecossistema com características muito próprias.

Bibliografia:

Costa, M. J. 1999. O Estuário do Tejo. Edições Cotovia Lda. Lisboa.

Caçador, I.; Teixeira, A.; Costa, J.L.; Silva, G.; Duarte, B.; Meireiros, J.P.; Azeda, C.; Castro, N.; Prista, N.; López Garaulet, L.; Chainho, P.; Cabral, H. & Costa, M.J. 2011. Estudo de Investigação, Caracterização e Valorização da Baía do Seixal: Comunidades Biológicas. Relatório Final.

Caçador, I. & Duarte, B., 2012 Tagus Estuary Salt Marshes: a Historical Perspective. Estuaries: Classification, Ecology and Human Impacts. Series: Environmental Science and Technology. Steve Jordan (chief ed.) Nova Science Publishers, Inc. NY, USA, ISBN: 978-1-61942-093-9. Nova Science Publishers, Inc. 3:41-46.

Sítios de internet consultados:

- [www.biorede.pt](http://www.biorede.pt)

- <http://corroiospatrimoniohistoricoenatural.blogspot.com>

### Organização:



AGÊNCIA NACIONAL  
PARA A CULTURA  
CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA



AGÊNCIA NACIONAL  
PARA A CULTURA  
CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA

## AVENTURA NO SAPAL



CENTRO DE OCEANOGRAFIA

# SAPAL DE CORROIOS

Em pleno concelho do Seixal encontra-se a baía com o mesmo nome, uma enseada do Tejo abrigada pela restinga arenosa do Alfeite, que na sua zona mais ocidental apresenta uma extensa mancha de sapal, com aproximadamente 143 hectares, denominada sapal de Corroios (Costa, 2010). É a zona húmida mais bem conservada de todo o estuário do Tejo, a sul de Alcochete, sendo considerada Domínio Público Hídrico e incluída na Reserva Ecológica Nacional (REN).



Fig. 1 - Esquema da área.

O sapal de Corroios é uma área sujeita à influência das marés com manchas de vegetação estuarina relativamente extensas (Costa, 2010). Aqui as plantas vivem numa situação de secura fisiológica, uma vez que a elevada concentração salina do meio lhes dificulta o acesso à água (embora esta seja abundante). Para sobreviverem, estes organismos desenvolveram várias adaptações morfológicas, tais como: a redução da área foliar e o aumento da suculência das folhas e caules, o aumento da densidade radicular, um denso revestimento de células secretoras de sal e a proteção dos órgãos aéreos por uma espessa cutícula. Por outro lado, embora os sais absorvidos possam, em parte, ser expelidos através das raízes, o excesso pode ser segregado por glândulas especiais existentes nas folhas; quando estas secam, as glândulas expulsam o sal, que fica a revestir a superfície das mesmas. Possuem ainda, um mecanismo fisiológico de ajustamento osmótico (osmoregulação) que evita a acumulação de sais nas células.

As espécies halófitas mais representativas presentes no sapal de Corroios são a morraça (*Spartina maritima*), a gramata-branca (*Halimione portulacoides*), as gramatas (*Sarcocornia fruticosa* e *Sarcocornia perennis*) (Caçador et al., 2007).



*Spartina maritima*



*Halimione portulacoides*



*Egretta garzetta*



*Limosa limosa*



*Larus fuscus*



*Larus ridibundus*

e os borrelhos (*Charadrius* sp.).

A baía do Seixal, na qual se inclui o sapal de Corroios, é um verdadeiro oásis de vida selvagem numa zona intensamente urbanizada e transformada pelo homem. Nas vastas áreas de lodo que ficam a descoberto durante a maré vazia, é possível observar um grande número de aves limícolas a alimentarem-se. Na maré cheia, as manchas de vegetação que permanecem emersas proporcionam refúgio a várias aves aquáticas.

De facto, neste habitat estuarino ocorrem inúmeras espécies de aves aquáticas, incluindo o flamingo (*Phoenicopterus ruber*), a garça-real (*Ardea cinerea*), a garça-branca (*Egretta garzetta*), o corvo-marinho (*Phalacrocorax carbo*), o alfaiate (*Recurvirostra avosetta*), a perna-longa (*Himantopus himantopus*), a perna-vermelha-comum (*Tringa totanus*), o maçarico-de-bico-direito (*Limosa limosa*), os pilritos (*Calidris* sp.), as tarambo-las (*Pluvialis* sp.), a rola-do-mar (*Arenaria interpres*), a galinha-de-água (*Gallinula chloropus*), o pato-real (*Anas platyrhynchos*), a gaviota-de-asa-escura (*Larus fuscus*), o guincho (*Larus ridibundus*)

Esta região é particularmente importante para as aves migradoras, principalmente para as espécies invernantes. Durante os meses de inverno, procuram abrigo e alimento no sapal de Corroios largos milhares de aves, constituindo o mesmo, um verdadeiro santuário ornitológico. Embora em menor número também é possível encontrar várias espécies estivais. É também uma importante zona de nidificação para espécies como o pato-real, a galinha-de-água, e o perna-vermelha-comum.

A zona adjacente ao sapal, e o próprio sapal durante a maré alta, assumem bastante relevância enquanto área de alimentação e abrigo para várias espécies de peixes que utilizam o estuário com área de viveiro, como o sargo-do-Senegal (*Diplodus bellottii*), o sargo-safia (*Diplodus vulgaris*), o robalo-legítimo (*Dicentrarchus labrax*), e ainda espécies residentes como o xarroco (*Halobatrachus didactylus*) e o caboz-comum (*Pomatoschistus microps*).

É também um local particularmente importante para espécies piscícolas detritívoras como as tainhas (família Mugilidae).

Na baía ocorrem ainda várias espécies de invertebrados, que servem de alimento a aves e peixes, nomeadamente crustáceos, como o caranguejo-verde (*Carcinus maenas*) e o camarão-de-água-doce (*Palaemon longirostris*), gastrópodes (búzio, *Hydrobia ulvae*) e poliquetas (minhoca-da-pesca, *Hediste diversicolor*).



*Diplodus bellottii*



*Carcinus maenas*



*Hediste diversicolor*